

Recital

Revista de Educação,
Ciência e Tecnologia de Almenara/MG.

RESENHA

COMO ADIAR O FIM DE TODOS

How to postpone the end of all

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
102 p.

“Em diferentes lugares do mundo, nos afastamos de uma maneira tão radical dos lugares de origem que o trânsito dos povos já nem é percebido” (KRENAK, 2019, p. 43).

Bernardo Almeida ROCHA

Universidade Federal de Ouro Preto

bernardob.rocha@hotmail.com

Silvana Barbosa PEREIRA

Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, Campus Arinos

silvana.pereira@ifnmg.edu.br

DOI: <https://doi.org/10.46636/recital.v5i2.295>



A voz que emerge das vivências de luta e ativismo no movimento socioambiental e na defesa dos direitos indígenas ecoa em *Ideias para adiar o fim do mundo*, de Ailton Krenak, publicado pela Companhia das Letras, em 2019. Ele é um dos maiores ativistas dos direitos dos povos indígenas do Brasil e Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, em 2016. O livro resulta de palestras proferidas por ele em maio de 2017 e março de 2019 em Lisboa, Portugal.

A obra se divide em três partes. Na primeira delas, *“Ideias para adiar o fim do mundo”*, Ailton nos instiga a refletir acerca de como o meio ambiente e os povos originários, indígenas e quilombolas, estão sendo agredidos, desapropriados e deslegitimados. Além disso, questionamos sobre o sentido de humanidade, e tal indagação nos faz pensar em como a indústria e a modernização das coisas resultam em impactos negativos na nossa capacidade de desenvolvimento como seres humanos. Nas primeiras páginas, ele apresenta um pensamento muito crítico em relação ao convite que recebe para ir a Lisboa, em 2017, no Teatro Municipal Maria Matos, onde falaria sobre a colonização que aconteceu no Brasil, dizendo:

“Essa é uma típica festa portuguesa, vocês vão celebrar a invasão do meu canto do mundo. Não vou não. Porém não transformei isso numa rixa e pensei: “Vamos ver o que acontece no futuro” (KRENAK, 2019, p.10)”.

A partir dessa crítica, muito bem colocada, sobre a dúvida de ir ou não ir ao evento em solo português, Ailton faz perguntas sobre como construímos a ideia de humanidade e questionamos se ela não está na base de muitas escolhas erradas que as pessoas fazem, para justificar o uso da violência, por meio do qual legitimamos e aceitamos as decisões que organizações, empresas e governos tomam com efeitos quase sempre nocivos e que provocam perdas irreparáveis. Para Krenak, as pessoas são “arrancadas” de seus coletivos, de seus lugares de origem e jogadas nesse “liquidificador” chamado humanidade. Elas não se preocupam mais com a Terra, lugar onde vivemos. Estão, a todo momento, sendo levadas a querer explorar mais e mais a natureza sem se preocupar com o amanhã. Os originários estão cada vez mais sendo “extintos” e os direitos deles desconsiderados. Essas posturas negam a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos, “Parece que eles querem comer a terra, mamar na terra, dormir deitados sobre a terra, envoltos na terra (KRENAK, 2019, p.22)”.

Em seguida, no segundo capítulo, *“Do solo e da terra”*, ele continua sua exposição com várias críticas à forma como os rios e as terras indígenas são usadas pela indústria de maneira irresponsável, com objetivos voltados somente para o consumo da matéria prima. Relembra a tragédia, crime, da barragem que se rompeu em Mariana e atingiu o Rio Doce, entre Minas Gerais e o Espírito Santo, e o caos político vivenciado no Brasil desde 2018, sobre as mazelas do Estado em não fazer valer a lei de direitos aos povos indígenas, como ao direito à terra, e não coibir o desmatamento exorbitante nas florestas brasileiras.

Ailton, diz que nós, humanos, causamos, por ambição, neste organismo vivo que é a Terra impactos que serão irreparáveis. Ele não só reflete sobre a questão, mas também nos encoraja a tomar atitudes para sair da negação da vida e a assumir um compromisso com ela, em qualquer lugar, superando as nossas incapacidades de estender a visão a lugares para além daqueles a que estamos apegados e onde vivemos.



Além de tudo, ensina-nos que sonho não é algo como experiência cotidiana de dormir e sonhar, mas como exercício disciplinado de buscar nele as orientações para as nossas escolhas do dia a dia, de aprendizado, de autoconhecimento e a aplicação desse conhecimento na nossa interação com o mundo e as outras pessoas.

Em sua obra, o consciente autor cita outros intelectuais e ativistas indígenas, como Davi Kopenawa e Daniel Munduruku, que, segundo ele, estão escrevendo um capítulo essencial da história do país, sobre a descoberta do Brasil pelos índios, uma contra-história e uma contra-etnologia indígena.

Por fim, no seu terceiro e último capítulo, “*A humanidade que pensamos ser*”, ele chama a atenção para o Antropoceno que tem um sentido incisivo sobre nossa existência, a nossa experiência comum, a ideia do que é humano.

“Essa configuração mental é mais do que uma ideologia, é uma construção do imaginário coletivo – várias gerações se sucedendo, camadas de desejos, projeções, visões, períodos internos de ciclos de vida dos nossos ancestrais que herdamos e fomos burilando, retocando, até chegar à imagem com a qual nos sentimos identificados” (KRENAK, 2019, p. 58-59).

Uma das perguntas mais reflexivas feita por ele nesse capítulo é: “*Qual é o mundo que vocês estão agora empacotando para deixar às gerações futuras?*” Para ele, não adianta termos tanta inovação, tecnologia, sem pensar no futuro e nos impactos que essa “revolução tecnológica” vai causar. Há algo insano quando nos reunimos para repudiar esse mundo que recebemos agorinha, no pacote encomendado pelos nossos antepassados. A maioria chama de caos social, desgoverno geral, perda de qualidade no cotidiano, nas relações, e estamos todos jogados nesse abismo, afirma ele.

Ailton, fez-nos pensar em como nós acabamos com o mundo em que vivemos, até mesmo de forma inconsciente. Faz surgir em nós uma inquietação com as injustiças que acontecem com os povos indígenas e, assim, querer fazer valer todas as ideias na busca por soluções para todos os problemas apresentados. Abre os olhos do seu leitor para o sistema capitalista, no qual vivemos hoje e que nos transforma desde criança em consumidores antes mesmo de cidadãos. Essa busca pela mais valia do capitalista é insaciável. Por fim, responde à pergunta: “*Como adiar o fim do mundo?*” dizendo que “O fim do mundo talvez seja uma breve interrupção de um estado de prazer extasiante que a gente não quer perder” (KRENAK, 2019, p. 60).

Ademais, recomenda-se essa obra para estudantes e pesquisadores do meio ambiente, além daqueles interessados em compreender a forma de vida de povos indígenas. É também um excelente exemplo da escrita indígena para ser lida e comentada com estudantes a partir do Ensino Médio. Enfim, um alerta para a sociedade em geral, sobretudo para aqueles que se empenham em conhecer, lutar e a ser resistência nos movimentos socioambientais e dos direitos dos originários, pois o sistema no qual estamos inseridos contribui para a destruição do planeta Terra e, conseqüentemente, da humanidade.



REFERENCIAS:

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 102 p.

Recebido em: 11 de agosto 2022

Aceito em: 22 de março 2023